

Projectar hoje o território

Carlos Miguel

Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras

Resumo

Facilmente se infere que, ainda hoje, estamos perante duas formas distintas de abordar o problema das cidades. Para muitos, o urbanista não é mais do que o arquitecto da cidade, ligando os edifícios que o outro arquitecto se encarregou de projectar. Nada de mais errado, do nosso ponto de vista de autarca e de gestor dum território com 407 quilómetros quadrados. Com efeito, como referimos mais acima, o urbanismo é bem mais do que o conjunto de edifícios dum espaço urbano. Em tese, uma cidade poder ser construída de acordo com as ideias de milhares de arquitectos mas se não for feita de acordo com a planificação do urbanista, deixará de ter coerência cultural, social, histórica e económica para passar a ser um mero amontoado de edifícios. É na construção deste fio condutor que se projecta o futuro e a qualidade de vida das pessoas e que o urbanista é claramente uma mais-valia.

Abstract

Easily we can infer that, even today, we are dealing with two distinct forms of addressing the problem of cities. For many, the urban planner is nothing more than the architect of the city, connecting the buildings that another architect had deployed. Nothing is more wrong, from our point of view of local politician and administrator of a territory with 407 square kilometers. In fact, as we have already said, the urban planning is much more than the set of buildings of an urban space.

In theory, a city can be built in accordance with the ideas of thousands of architects but if it is not carried out in accordance with the planning of urban planner, will no longer have cultural, social, historical and economic consistency to being a mere heap of buildings. It is in the construction of this thread that we project the future and the quality of people life and that the urban planner is obviously an added value.

Quando hoje se fala em qualidade de vida dos cidadãos, não podemos dissociá-la dos mecanismos de intervenção urbanística, quer seja por legislação rigorosamente fiscalizada, quer por intervenção pedagógica junto dos empreendedores.

O simples facto das licenciaturas em urbanismo serem relativamente recentes demonstra a pouca sensibilidade existente para a matéria até há poucos anos atrás. Felizmente que as mentalidades evoluíram e uma nova geração de cidadãos se mobilizou para dar corpo a esta importante área.

O século XX, especialmente as últimas 3 décadas, caracterizou-se por um forte êxodo das zonas rurais para a cidade, levando a que a tendência fosse a de aproveitar todos os espaços disponíveis para construção, sem quaisquer preocupações estéticas ou funcionais, criando enorme pressão populacional e que provocou problemas sociais de vários tipos dessa área abrangida, ao mesmo tempo que contribuiu para a progressiva desertificação do interior do concelho, agravada pela falta de condições existentes: infra-estruturas básicas de água, saneamento, luz eléctrica e de acessibilidades.

Por se encontrar muito próximo da capital e com excelente e rápida acessibilidade, Torres Vedras procurou que os seus instrumentos de ordenamento de território, designadamente, os Planos Directores Municipais e de Urbanização obedecessem a regras que obstassem a que a cidade se tornasse um dormitório de Lisboa assim como houvesse alguma coerência de linhas na restante área do município. Porém, do nosso ponto de vista, o conceito de urbanismo não se esgota na urbanização propriamente dita, antes abarca um vasto leque de atividades que

concorrem para que encontremos a melhor harmonia para o território.

Não se trata, pois, de colocar simplesmente as urbanizações, com mais ou menos regras, de obedecer a número de pisos, cêrceas, etc., sem quaisquer outros tipos de preocupações, mas procurar organizá-las dentro do território para que o cidadão se sinta confortável, quer sob o ponto de vista da visão global do meio envolvente, quer no interior dos edifícios.

As autarquias têm um papel de enorme responsabilidade neste tipo de acção, daí que a Câmara Municipal de Torres Vedras possua uma competente equipa de urbanismo que procura dar corpo a esta filosofia.

Em paralelo, procura-se corrigir o que no passado se poderá ter feito menos bem, à luz de conceitos, actuais para as épocas mas ultrapassados à luz dos novos conceitos. Também para esta tarefa, é necessário ter quem pense o território e apresente soluções credíveis para que quem tenha o poder de decisão o faça assente em bases sólidas. Nessa correcção de trajectória insere-se o esforço de tornar as nossas zonas rurais atractivas e dotadas dos instrumentos que prendam as pessoas às suas aldeias. Poder-se-á falar em regresso às origens? Talvez, na medida em que se procura que os cidadãos se sintam confortáveis nesses locais. Também aqui o urbanismo e os seus agentes têm um papel importante, com a capacidade de resposta dada à solicitação de sensibilidade suficiente para perceberem o que desejam os habitantes da localidade A, que pode ser bem diferente dos anseios da localidade B. Este tem sido um esforço bem sucedido da autarquia, em colaboração com as Juntas de Freguesia, entidades com um estatuto de proximidade privilegiado e, de uma maneira

geral, com elevado sentido no que respeita à qualidade de vida dos seus representados.

Chegados a este ponto, facilmente se infere que, ainda hoje, estamos perante duas formas distintas de abordar o problema das cidades. Para muitos, o urbanista não é mais do que o arquitecto da cidade, ligando os edifícios que o outro arquitecto se encarregou de projectar. Nada de mais errado, do nosso ponto de vista de autarca e de gestor dum território com 407 quilómetros quadrados. Com efeito, como referimos mais acima, o urbanismo é bem mais do que o conjunto de edifícios dum espaço urbano. Em tese, uma cidade poder ser construída de acordo com as ideias de milhares de arquitetos mas se não for feita de acordo com a planificação do urbanista, deixará de ter coerência cultural, social, histórica e económica para passar a ser um mero amontoado de edifícios. É na construção deste fio condutor que se projecta o futuro e a qualidade de vida das pessoas e que o urbanista é claramente uma mais-valia. Exemplo do reconhecimento desta dicotomia são os Encontros de Arquitectura e Urbanismo que a autarquia promove anualmente e que separam claramente estes dois conceitos e áreas.

O Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Torres Vedras trabalha diariamente com estes conceitos, o que tem merecido inúmeros prémios à autarquia pela sustentabilidade das suas políticas de gestão do território.

A praia de Santa Cruz é um exemplo flagrante da política seguida pela autarquia. Localidade que, pela beleza natural da sua costa, criou quase durante todo o século XX uma enorme pressão de construção desordenada, e que viu o seu centro histórico cada vez mais degradado. Não sendo possível “apagar” as

construções ali existentes, o grande trabalho do urbanista foi o de procurar reabilitar todo o espaço envolvente, disfarçando o edificado com uma reabilitação que desse conforto a quem usufruísse daqueles espaços. Foi um enorme esforço de planeamento e financeiro mas, no final, houve um consenso geral de que o centro histórico de Santa Cruz renasceria e se tornara, finalmente, um espaço de qualidade. Nesta acção, houve a necessidade de articulação estreita entre os arquitectos e os urbanistas, para que o projecto pudesse resultar como resultou.

Para se ter uma ideia mais precisa do conceito urbanístico da Câmara Municipal de Torres Vedras, transcrevem-se os objectivos pretendidos quando da criação do Centro de Estudos Urbanos de Torres Vedras: *“Tutelado pelo Departamento de Urbanismo e com coordenação interna própria, este organismo tem como objectivo a criação de pensamento crítico, procurando conceber e estabilizar novas formas de habitar e construir o território do concelho.*

Este pensamento permite consolidar uma visão estratégica e partilhada da urbanidade/ruralidade do concelho, criando-se um espaço de reflexão que responde tanto às necessidades práticas de ordenamento e gestão do território, fundamentando e correlacionando os diversos projectos a realizar, como à criação de ideias mobilizadoras e capazes de agregar os diversos agentes com intervenção no território numa estratégia integrada.

Esta é, por estes motivos, uma estrutura multidisciplinar, leve e versátil, que visa promover o contributo de diferentes olhares de personalidades de reconhecido mérito nas matérias em análise, bem como fomentar a intervenção dos munícipes nas acções de ordenamento do (seu) território”.

Neste pequeno texto de apresentação do Centro de Estudos Urbanos, condensa-se toda uma forma de pensamento de como se deve partir para a organização do território. Nele já se reconhece tratar-se de estrutura multidisciplinar, afinal a génese do próprio urbanismo, do nosso ponto de vista.

Por todas estas razões, a existência de 20 anos da licenciatura de Urbanismo da Universidade Lusófona é um marco que deve ser assinalado pelo que representa de abertura atempada aos desafios da organização e ocupação dos espaços urbanos com qualidade.